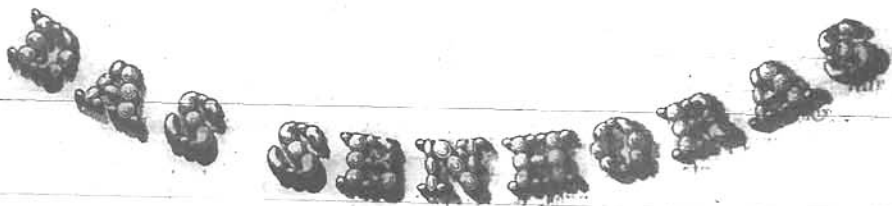


# O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

∞ O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

MODAS.



Dizia-me um agradável velho, antigo amigo de familia, todas as vezes que me via em casa quando nos vinha visitar: « Não ha fluxo sem refluxo, ou enchente que não traga vasante. » Suppunha elle, e o mais é que tinha razão de suppô: assim, que deixando-me ficar eu á noite em casa, a antecedente por certo tinha passado toda em alguma função. Que ficava em casa para descansar; era o que elle queria dizer-me no seu anexam.

O mesmo digo eu hoje do nosso mundo elegante, das modas, e... da vossa Christina tambem.

Ao movimento estrepitoso dos nossos bailes de mascarar, de uma semana absorvida em preparativos, em combinações de grandes divertimentos, onde, ainda mesmo quem se não preparava, tinha gosto de discutir, de ser consultado, de dar a sua opinião sobre qual seria o melho;

o mais apropriado vestuario para a senhora ou senhor fulano de tal; uma calma repentina, dias inspidos, vierão succeder a esses dias de tumultuosa alegria! Estamos no refluxo da maré.

Os especuladores tornárão-se ao fundo de suas gavetas a verificar os lucros; as modistas estão respirando ao verem-se livres das impertinencias dos vestuarios do seculo passado; o mundo elegante tornou para o campo a fruir de novo a suave brisa das nossas manhãs de verão; e a Christina metteu-se em casa, tão séria e pacifica, que ninguém dirá, que foi ella a mesma Christina do Carnaval em Andaraby!

Neste insipido estado, querida leitora, acho que a melhor resolução que posso tomar é descrever a estampa dos figurinos que vos apresento, e ir ler depois os meus jornaes francezes para vos dar conta do que houver occorrido no mundo das modas.

## DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

**TOILETTE DE PASSEIO.**— Vestido de tafetá tecido em côr de ouro e preto, que dá essa quasi furta-côr de ganga que vedes.

A saía sendo lisa, é comtudo enfeitada na frente com oito ordens de sanefas de franjas da mesma côr, as quaes vão successivamente diminuindo em distancias iguaes até á cintura, e fórmão um gracioso avental.

Cintura redonda e cinto de fita côr de ganga com fivela.

Corpinho totalmente afogado para deixar sobresahir as duas ordens de franjas, que acompanhão o gosto do avental; estas franjas porém não circulão, como parece á primeira vista, todo o corpinho, mas somente a frente do peito, partindo a primeira das cávas das mangas, e a segunda um pouco mais abaixo. Uma estreita rendinha *guipure* guarnece ligeiramente toda a gola do vestido.

Mangas *pagode* enfeitadas com igual franja, disposta unicamente sobre a folha de cima, simulando um alamar atravessado; e por dentro outras mangas brancas á *Batelière*.

Chapeo (*capote*) de escomilha branca e fita de encrespar, entrelaçadas e franzidas uma e outra formando a linda e delicada composição que é hoje o mais bom-tom dos chapeos de yeirão. Por dentro é simplesmente ornado com tufas de flores côr de rosa.

Este grave e elegante *toilette* de passeio ficaria incompleto se não nos fossemos o rico çale de cachemira carmezim delicadamente bordado em matiz.

**TOILETTE DE ESTAR EM CASA.**— Saía de tafetá verde claro simplesmente remarcavel pela pequena bordadura em frente de folhas de parreira em tecido da mesma côr.

Corpinho de *basquine* redondo, recortado e guarnecido de um ligeiro bordado, que acompanha o recorte em tôdas as suas curvaturas.

Colleté direito de fúsfão branco, meio aberto, com uma só ordem de botões verdes até acima.

Camisinha guarnecida de renda, e um bordado de preguinhas que vai circulando em pé todo o pescoco.

Mangas direitas, semi curtas, com um revezo voltado para cima em forma de punhos: as mangas de dentro a *pagode* guarnecidas de renda *guipure* recortada.

Penteado de caixos rissados, chapellino de

sol, luvas de pellica côr de palha, e lencinho de cambraia e renda.

Eis, querida leitora, uma elegante dona de casa acompanhando a passeio pelo interior de sua chacara a interessante amiga que a veio visitar. Ah! vos entrego ambas ao vosso bom acolhimento.

Bon soir.

Cátete 17 de Fevereiro.

Christina.



## UM COBARDE.

## I.

No salão de um edificio da rua Larocheffoucauld estavam assentadas junto de uma mesa duas damas que conversavão largamente com o circulo de cavalheiros que as rodeavão. Nerville era o nome de uma destas damas, e Maria o de sua filha predilecta. Maria era naturalmente pallida, tinha cabellos escuros, olhos azues sempre humedecidos e acompanhados de grandes sobrancelhas negras, palpebras largas e extremamente desenvolvidas indicando uma dessas almas elevadas e pensativas. Nessa occasião havia perdido a palidez habitual; seus olhos engrandecidos brilhavão no rosto animado que estava manchado de signaes roxos, e a voz era rouca e truncada, como quando se está profundamente electrizado.

— Como, Sr. Lascour? Esse homem levou uma bofetada!

— Sim, senhora; no pavilhão d'Ermenonville, já se passarão alguns dias.

— E elle não a retribuiu?

— Nada fez.

— E nem ao menos pediu satisfação de semilhante insulto?

— Creio que mais depressa pediria perdão.

— Dizei-me o nome desse homem indigno, para que lhe possa mostrar quanto o desprezo, se por ventura o acaso me fizer enconral-o.

— Seu nome? Seria difficiloso, pois que só existe uma testemunha que foi a propria que me referiu o facto: e talvez vos arrependesseis de o desprezar, mui principalmente affirmando-vos que é homem honrado.

— Esse cobarde!

— Cobarde!... Cobarde!... Eis-ahi tudo! O

que falta a esse homem? A coragem é negocio de nervos; pôde-se ter coração forte, e não haver força de praticar o que se deseja. O capitão Derviere, que conheceis muito bem, citou-me o outro dia, o exemplo de um joven que insultado gravemente, foi tres vezes a um desafio, e em todos tres no momento de puxar a espada, desmaiou.

— Muito bem! Por mim, disse Maria, não nisso nem honra nem coragem. Que o homem assassine, que deserte, que traia... o amor tudo perdoará; o assassinato é um crime, e a traição uma raiva, o crime e a raiva podem sahir de uma alma elevada... Mas um cobarde! ah! esta palavra só, me arripia!... E o homem que viste insultar estaria a meus pés, bello como os anjos, nobre como um rei, e com um milhão de renda... e eu o despresaria ainda que fosse a mais vil criada de estalagem.

Quando acabou de proferir estas palavras, um joven que estava do outro lado do salão encostado a um consolo, mostrando-se estranho á discussão, deixou cahir o *album* que folheava. A essa bulha, Maria voltou-se, seus olhos enternecerão-se, e a serenidade tornou a essa physionomia alterada pela discussão; e levantando-se ligeiramente se aproximou do joven:

— Savigni, disse ella baixo, meu amigo, que fazeis só e tão retirado? Será porque desapprovais o que disse?

A estas palavras, proferidas com graça e encantadora submissão, o noivo de Maria voltou-se para ella e mostrou-lhe uma figura doce e nobre, mas um pouco alterada.

— Perdoai-me, Maria; examinava no vosso *album* a pintura de Roqueplan, que ainda não tinha visto.

— Ah! Estou desgostosa, replicou ella; nobre e puro como sois, necessariamente approvareis os sentimentos que manifestei.

— Maria, disse Savigni com voz emmudecida, mostrando-lhe o *album*, olhai para esta cabeça idosa de mulher; que expressão! Que segurança! ella me faz recordar minha pobre avó, que me amava tanto.

— Ah! meu amigo, já vejo uma lagrima em vossos olhos, enxugai-a por favor, ou eu choro tambem.... Meu Savigni, como sois bom!

Entretanto junto á mesa, onde estava a Sra. de Neville, continuava a discussão.

— Não, dizia Lascour, eu não faço caso da coragem; comtudo, se tivesse um filho que se

me assemelhasse, eu lhe diria—nunca te deixes insultar.

— Muito bem! replicou a Sra. de Neville, e eu se tivesse a felicidade de ter um filho, e que elle recebesse isso a que chamais injuria, eu lhe supplicaria de joelhos que não se batesse. Que me importava que meu filho fosse fraco? O que desejaria era que elle estivesse sempre junto a mim.... Eu não sou Lacedemonia, portanto não diria a meu filho—Excede ás tuas forças.—Pelo contrario, diria—Fica.

— Ah! se eu fosse vosso filho, senhora, disse Lascour, nunca me bateria, porque teria vinte mil libras de renda, não teria necessidade de pessoa alguma, teria cavallos, boa mesa, mil prazeres, e não seria assás tolo para arriscar minha vida de homem feliz contra a de um miseravel.

— Mas, senhor, replicou vivamente Maria, se esse miseravel vos injuriasse?

— Tomaria por uma fineza.

— Se vos dêsse uma bofetada.

— Evitaria segunda.

— Mas a deshonra?

— Qual?

— Não farieis caso de vós mesmo?

— Muito, senhora; é por isso mesmo que me não bateria. Os rixosos batem-se porque amão sua reputação: eu não me bateria porque amo os meus ossos. Pergunto, o que é que se entende por honra? Direis um golpe mortal na honra.... vive-se cem annos com esse golpe mortal: mas uma bordoadada.... ah! soffreria muito, e faria todo o possivel para a não receber, e mui principalmente um tiro de pistola. Que graça!

— Mas a vossa consciencia, senhor, o que vos diria?

— A minha consciencia seria completamente muda se eu fosse rico.

— E os homens que vos insultassem, e as senhoras que vos desprezarião?

— Mas, senhora, presentemente não se despreza ninguem. Sou fraco? quem o sabe? Dois individuos sobre cem, dez sobre mil. E estas dez pessoas, acredital, impedirião que eu bebesses o meu champagne, deixarião de aceitar o meu dinheiro, e de me chamarem seu caro amigo? Fallarião contra mim; que me importava? Nada saberia, e quando o soubesse, repito, que me importava? Mirar-me-hia no espelho, e achando-me com o rosto fresco, olhos vivos, beiços anacarados, e se abrisse a minha secretaria encontrasse nella alguns bilhetes do banco, vendo

ao redor de mim lindos quadros de bellas pinturas, moveis elegantes, diria—Na verdade tenho feito muito bem em conservar tudo isto; bem depressa esquecerão o que se disser contra mim; montarei o meu cavallo branco, e farei correr adiante de mim o meu laçao grego; todas as bellas do meu conhecimento me cumprimentarão; serei feliz, invejado, honrado... E tudo isto que acabo de vos dizer não impede que, se amanhã me insultarem, eu, Alfredo Lascour, corra a bater-me no mesmo instante.

— Como é isso, senhor ?!

— Oh! E' que eu, Lascour, sou bem diferente desse Lascour que acabei de fantasiar. Sou obrigado a ter honra para viver. Sou redactor de um jornal; por outra assigno a responsabilidade delle; é necessario que seja bravo. Lembrai-vos que estou encarregado de ter coragem por todos os meus collaboradores que não assignão seus artigos e nem tem responsabilidade; sou portanto o paravento de seus espiritos... ou de suas asneiras: é pois mister que seja bravo. Mas se eu tivesse bastante dinheiro, não me importava ser fraco, e por tal conhecido, e até mesmo não se me daria ter por sobrenome essa palavra; teria bigodes, e encontraria muitas pessoas que dissessem, que muito bem me ficaria uma farda de official; faria um museu unicamente de retratos de moças minhas namoradas, que além de me amarem, muito se alegrariam se eu as pedisse em casamento.

— Não, senhor, replicou Maria, não haveria uma senhora honrada que amasse tal homem. Um amante é um protector tanto como é um marido. Como! Eu amaria um homem, lhe daria o meu braço, sahiria com elle, e se alguém me insultasse, elle o consentiria! Pensaria que esse homem que me pretendesse amar me cedezia á primeira ameaça? Que se por acaso cahisse dentro d'agua, me deixaria afogar? Que se me achasse no meio de um incendio me deixaria morrer queimada? Que se caísse nas mãos de homens infames me deixaria deshonrar? O fraco, senhor, é um homem que não tem amor, nem piedade, nem amizade; o fraco não pôde ser nem marido nem pai, porque não saberá defender sua mulher, seus filhos, nem sua mãe. Haverá alguma mulher que ame semelhante homem? Oh! nunca, nunca.

— E' estranho! disse repentinamente a Sra. de Neville; Savigni sabia sem dizer nada!

Continúa.



**MORENA.**

Porque estás, gentil morena,  
Tão muda—tão triste assim?  
Essa tristeza, meu anjo,  
Tambem me entristece a mim!  
Responde, ó gentil morena!  
Porque estás tão triste assim!

Por teu mal, viste quebradas  
As juras do trovador?...  
Mas, meu anjo, eu não dizia  
Que era falso o seu amor?...  
E já vês?... Eil-as quebradas  
As juras do trovador!...

« Estás em erro, cantor!  
« Não trahiu-me o trovador... »

Ah! já sei... Perdeste o cravo  
Que no baile elle te deu  
Tão depressa e occultamente,  
Que ninguém o percebeu?  
Estás procurando o cravo  
Que no baile elle te deu?

« O cravo não se perdeu:  
« Eil-o aqui no peito meu! »

Mas então, virgem formosa,  
Porque estás tão triste assim?  
Não sabes que essa tristeza  
Tambem me entristece a mim?...  
Responde, ó virgem formosa!  
Porque estás tão triste assim?

« Ah cantor! minhas amigas  
« Achão feia a cõr morena!...  
« Tenho já chorado tanto,  
« Sofrido tamanha pena!...  
« Ai de mim! minhas amigas  
« Achão feia a cõr morena! »

Oh! não te afflijas por isso!...  
E' bem linda a tua cõr;  
Na tua tez se revela  
Um alma cheia de ardor!...  
Não, não faças caso disso;  
E' bem linda a tua cõr....

« Não me enganes, trovador,  
« Achas linda a minha cõr?



CUBI. DA COSTA

Tão linda. ... como d'aurora  
 O purpurino clarão.  
 Não vês tu como te segue  
 Co'os olhos a multidão?...  
 E's linda, como d'aurora  
 O purpurino clarão!

Quando nos bailes tu entras  
 Derramas tal emoção,  
 Que não ha quem não deseje  
 Prost'ar-se a teus pés, no chão!...  
 Quando nos bailes tu entras  
 Sente-se estranha emoção!

« Eis a rainha das bellas!  
 — Diz a turba a suspirar.  
 E quando—sylpho ligeiro—  
 Vás nas valsas doudejar,  
 « Eis a rainha das bellas!  
 — Diz a turba a suspirar.

Tua voz harmoniosa  
 Nos captiva o coração;  
 Não ha dôr que lhe resista,  
 Nem saudade ou afflicção...  
 Tua voz harmoniosa  
 Nos deleita o coração!

E's mais bella que as Madonas  
 Do sublime Raphael;  
 Para imitar teus encantos...  
 Nem de Canova o cinzel:  
 Pois mais linda és que as Madonas  
 Do sublime Raphael!

Quer no templo, quer nas festas,  
 Sempre, sempre és sem rival!  
 E's como um anjo que vaga,  
 De dôres por este val!  
 E nos templos e nas festas,  
 Sempre, sempre és sem rival!

Deixa po's que as outras virgens  
 Achem fe'a a côr morena;  
 Por inveja é que assim pensão:  
 Querem só causar-te pena.  
 Deixal-as fallar, as virgens;  
 E' bem linda a côr morena!...

« Dissipou-se a minha pena!...  
 « Sou feliz com ser morena! »

A. J. Fernandes dos Reis.



**A MUITAS MÃIS DE FAMILIA.**

GARTA DE UMA SENHORA Á SUA AMIGA.

Dizem-me que tu crias os teus filhos com demasiada delicadeza. O dever de uma mãe não é preparar seus filhos para a voluptuosidade; con-

siste formal-os para a temperança. Querendo desempenhar para com os teus os deveres de uma mãe carinhosa, toma o cuidado de não fazeres as vezes de um pedagogo lisongeiro.

Tu os educas na molleza; e penses por ventura que depois elles terão a força de renunciar a esse habito? Inspiras-lhes o gosto dos prazeres; e esperas que um dia elles poderão levar uma vida laboriosa? Ah! minha querida amiga, tu crês educal-os bem, e não fazes senão corrompel-os. E não é isso precisamente o que acontece quando se dispõe corações noveis para a voluptuosidade e se acostumão corpos tenros á molleza? quando se destróe a energia das almas e que se tornão os corpos incapazes de resistir ainda aos trabalhos menos pesados?

Pois que! não será corromper as crianças o fazer dellas espiritos pusillanimes e massas inertes?... As crianças devem adquerir o habito de affrontar os perigos e os trabalhos: um dia virá em que ellas terão de conhecer as fadigas e de sentir as penas e dôres; e se tu queres que teus filhos sejam homens, prepara-os desde pequenos para se não deixarem vencer pelos trabalhos da vida.

Na sua idade *nada é indifferente*: não os deixes entregar a todos os seus gostos; não lhes permittas fazerem e dizerem tudo que quizerem.

Custa-me a acreditar o que ouço de ti. Assegurão-me que tu tremes e te affliges, quando teus filhos chorão; que o teu principal cuidado é de os trazer sempre contentes e á sua vontade; que tens a fraqueza de rir quando elles fazem uma travessura; de disfarçar, quando te faltão ao respeito; e de os desculpar, quando maltratão aos domesticos! Dizem-me que andas sempre em sustos e angustias porque o frio os não constipe, o calor os não derreta. Que se lhes vem á cabeça qualquer capricho, eis-te ahi toda sollicita e apressada a satisfazel-os e prevenil-os. Isto é deital-os a perder; arruinar-lhes o espirito e o corpo.

Não é assim que são criados os filhos das pessoas pobres; não os tratão com tanto mimo e delicadeza; e nem por isso deixão elles de crescer mais e serem mais robustos e bem constituidos.

Queres tu formar uma raça de afeminadõs, e destruir no coação de teus filhos o germen d'esta força viril que faz os homens proveitosos a si e á sociedade?

Dize-me cá, minha querida amiga, que esperas tu fazer de uma criança que se põe a chorar se lhe demorão um instante o comer quando o pede; que se enraivece se não lhe satisfazem logo as suas fantasias; que recusa comer se não lhe dão do prato que appetee; que se amua se a reprehendem; que se enfurece se contrarião as suas vontades; que se abandona á molleza e á preguiça em vez de applicar-se ao que lhe cumpre?

Poderá uma criança, assim educada, vir a ser uma pe-soa docil, moderada, activa, e capaz de medrar no muudo?

Acredita, minha querida amiga, que uma educação voluptuosa não pôde produzir senão espiritos fracos e apoucados. Se quizeres que teus filhos sejam homens, afasta delles a delicadeza; da-lhes uma educação vigorosa. Não te digo que sejas inflexível para com elles, mas sabe temperar prudentemente a brandura com a austeridade: acostuma-os a suportar o frio, o calor, os incommodos e as privações; a terem attenção e complacencia para com os seus iguaes, indulgencia e bondade para com os inferiores, e respeito e veneração para com os superiores. É deste modo que lhes inspirarás a pureza de costumes e a verdadeira nobreza de sentimentos.

\*\*\*



### O TRIBUNAL DAS FACÉCIAS.

Os ant'gos gregos o que mais temião no mundo era o ridiculo. Frequentemente havião entre elles grandes contendas, e mesmo processos judiciaes, em que os cidadãos erão condemnados não somente por injurias grosseiras, mas até por um simples gracejo ou dito picante. E' certo que neste ultimo caso a pena era proporcional á offensa, e conforme a Lei de Talião entre elles seguida.

Havia-se estabelecido um tribunal chamado das *facécias*, e quando um atheniense se julgava offendido por algum dito de zombaria, citava o seu adversario para comparecer perante este tribunal. Reunião-se os juizes, e as duas partes se apresentavão perante elles: os magistrados discutião com a maior gravidade, não se o dito era offensivo e qual o grão da offensa, mas se elle era ou não de bom tom e engraçado. Ser declarado *mão gracejador* era uma especie de infamia, e aquelle sobre quem tal declaração recahia, ficava coberto de um ridiculo indelevel, ao qual teria antes preferido uma avultada multa: um individuo marcado com o ferrete de *mão gracejador* era tido em grande desprezo.

Ah! se nós tivéssemos tambem um *tribunal das facécias*.... que de gracejadores não serião condemnados ao desprezo! Temos tantos, e tão pouco onde escolher....

EXT.

Viscondessa da...

### O TRIUMPHO DA NATUREZA.

Não julgo que o tornar para a virtude, assim diz uma mulher, plenamente satisfaça quanto ao arrependimento e ainda pelo que toca ao amor proprio, senão quando elle é capaz de redundar em alguma utilidade para a humanidade.

Com effeito o que quereria dizer esta palavra — humanidade — se não for um desejo extremado de ser cada um util ao seu semelhante? A meu ver o unico partido que se pôde tirar de um defeito, e de fazel-o proveitoso para outrem assim como para si proprio, é revelar os meios que nos corrigirão, e pôr o antidoto ao lado da peçonha.

Portanto o illustrar os outros á custa da propria experiencia e o intentar cural-os, descobrindo as feridas proprias, são uma especie de consolação para certas criaturas desafortunadas, que tiverão, assim como eu, a deslida de precipitar-me: é esta uma fraca compensação da eterna dôr que me consumirá! assim o confessarei.

Não é outra a razão, que me determinou a fazer por escripto uma exacta narração da minha desgraçada aventura: eu mesmo a escrevi, tomando o nome de Eugenia, por quanto o verdadeiro que tenho, só serviria de augmentar a minha vergonha, e o secreto pesar que sinto, sem nada servir ao fim em que levo a mira.

Assás seja para os que a lêrem o saber que expuz o feito com todas as suas circumstancias: oxalá que as pessoas do meu sexo o tivessem aturadamente diante dos olhos!

Se alguma mãi se vir tentada a succumbir, lêa-me, e deixe-se tocar desta pintura; que eu fico pela victoria, que ha de alcançar contra si mesma, e difficultosa coisa será o recahir: verá o que se chama fraqueza debaixo das suas proprias côres e feições: isto é, como um desvario culpavel é origem de outros muitos delictos

— Era Eugenia nascida de pais respeitaveis, em cujo gremio só recebera virtuosos preceitos e exemplos; e assim podia ella applaudir-se de ter unicamente que estranhar a si propria uma excessiva sensibilidade, que para nós outras mulheres origem é em extremo fecunda dos nossos erros e infortunios, e muitas vezes de uma ruina total. Esta sensibilidade tão cega, tão temerosa é, que nos perde, que nos arrasta para o abysmo por caminhos de flôres, e quando nelle cahimos, pa a que algumas vezes não possamos retirar-nos, apenas damos somente por isso.

O interesse, movel universal da sociedade, e que nella causa tantas desordens e desastres, o interesse digo, as conveniencias, varios arranjos de familia, o uso, tyranno antigo do mundo, derão um marido a Eugenia. Era elle estimavel, cheio de excellentes qualidades, qualquer mulher sensata o teria amado; mas Eugenia não passava de dezoito annos, e em tal idade só se consultão as impressões do coração, e este é o que pôe valor a tudo o que nos dirige.

O fructo desta união, a que a innocencia, o seguro d'alma, a vantagem de estar cada um bem consigo, vierão ajuntar aquellas doçuras,

que são talvez superiores aos prazeres, foi um filho, no cabo de dois annos: e prazeres ha por ventura que legitimos sejam, quando a razão e a honestidade não os approvão?

Ah! e ser-nos-hia estranha a pura ventura, aquella ventura que dimana unicamente da virtude? Seriamos nós condemnadas a desejar as tormentas das paixões?

O marquez de..., um desses homens mundanos, tão criminosos, que as leis devião punir, e que se ensubrecem a um tempo com os seus abominaveis successos e com a sua impudência, appareceu emfim, buscou entrada em minha casa, e entrou logo a pôr em pratica todas as suas traças, espirito, graça, sentimentos fingidos, cartas enganosas, praticas animadas de alegria e ternura, engenhasas festas, sacrificios lisongeiros; não se poupou a nenhum daqueles encantamentos, de que se vê rodeada uma rapariga sem experiencia nem reflexão, e que não conhece a sociedade, nem a si mesma; embriagou-a a longos tragos um filtro estragador. Finalmente perdeu a desditosa Eugenia vinte annos de sisedeza, a sua dita, a sua propria estima, que nada, crêde-me, nada pôde substituir. Oh! victimas deploraveis, que um instante muitas vezes perde para sempre!

Não experimentou pois Eugenia mais que um continuo tumulto dos sentidos, um desasocogo insuportavel... Os seus lindos dias volvidos são: aquella doce quietação d'alma, especie de bemaventurança terrestre, é cousa a que ella não toma, nem tomará o gosto! E como sempre se vê desgraçadamente exposta á uma eterna tormenta, conhece por fim o remorso, o qual entra em seu coração para nunca mais sair delle. Oh! que palavra que escapou a esta infeliz? Para nunca mais sair delle? O certo é que não tinha ainda rebentado o raio: o delirio de uma paixão tão cega como culpavel, absorvia todas as reflexões, e até os mesmos conceitos desta miseravel mulher. A qual estava presa, entregue inteiramente ao seu indigno seductor, que imperava sobre todos os seus sentidos.

Tendo certo negocio de algumas semanas chamado á uma das nossas provincias meridionaes o marido de Eugenia, aproveitou-se o marquez ansiosamente desta ausencia, e tornou-se muito mais empenhado e imperioso, e a sua cumplice mais fraca e culpavel: não é muito forte a expressão. Perdeu ella totalmente a razão: a criatura estimavel, a esposa, a mãe, derão lugar á louca amante, ou para melhor dizer, á escrava mais submissa e humilhada de um monstro de corrupção e maldade! O infame magico! moveu a sua victima a sacrificar-lhe tudo; o amor devido á sua familia, a seu marido e filho, o estado, a fé conjugal, o pejo, a honra; em uma palavra, consentiu Eugenia em expor-se á execração publica; deixou pois tudo, até o proprio filho, para correr a paizes estrangeiros, e divulgar a sua diffamação, e uma desesperação inútil, no seguimento de um odioso roubador.

Resolveu-se a partida: estava o filho desta mulher... ah! tão pouco digna de ser mãe, em casa de uma de suas parentas no campo... Nin-

guem o tornar á ver. Passarão-se á uma pequena cidade, algumas legoas arredada de Paris, onde devião consumir-se os horrores do rapto. Tinha Eugenia chegado primeiro a este funesto sitio, como fóra trafado. Ah!, tornando sobre si, vendo-se involuntariamente atormentada do pensamento de um proceder por extremo culpavel, passava successivamente por mil combates horríveis: arrasava-se em lagrimas, e não podia deixar de ouvir uma voz que lhe gritava no fundo do coração. Achava-se casualmente um lindo menino neste sitio, o qual notou uma mulher desconsolada, e como que já conhecia o sentimento tão suave da compaixão. Correu para esta desafortunada com os braços abertos, acariciou-a, abraçou-a, e balbuciando profere o enternecido nome de — *mamã*. Levantou Eugenia os olhos carregados de lagrimas, e commoveu-se á vista desta amavel criatura que lhe lembrou o seu filho.

— Eis aqui o que tive valor para abandonar... exclamou ella! E apertando o menino contra o peito — O' desgraçada! continuou ella: é possível que pudesse esquecer-me de que era mãe?..

Vão logo outra vez para Paris, e ordena que lhe vão buscar o seu filho, o qual chega no mesmo instante: arremeça-se á elle, aperta-o entre os braços, alaga-se em um deluvio de lagrimas, e apenas pôde proferir estas palavras cortadas de copiosos soluços:

— Querido filho... querido filho, que já não tinhas mãe!..

Pasmado o marquez de ver que lhe escapara das mãos a presa, voltou e teve a ousadia de tornara apparecer em casa de Eugenia, a qual achou lavando em lagrimas o seu filhinho, e beijando-o. E querendo elle fallar, lhe disse Eugenia: — Retira-te, foge da minha vista, vil facinoroso: corre a applaudir-te de todos os crimes a que me arrastaste: desaferrar uma mãe de seu filho! Vai-te que restituída estou á elle, á natureza, ás minhas obrigações, e áquella virtude que tanto amava e tanto tenho ultrajado!

Roubaste-me porém para sempre o meu repouso, a estima de mim mesma!

Todo o tempo que me restar de vida chorarei!

Eugenia.

## CHRONICA DA QUINZENA.

Ha momentos na vida, em que as idéas ficão tão embotadas, que, por mais esforços que se fação para garatujar algumas linhas, apparecem sempre as mesmas phrases e os mesmos pensamentos; idéas tão comensinhas, tão vulgares que aborrecem: eis o que acontece depois de uma serie de divertimentos estrondosos, ou depois de grandes affecções moraes: o espirito cançado se amesquinha, até que entre de novo no seu estado normal.

Acabou-se a folia; as mascaradas e os limões forão substituidos pela gravidade e santidade do templo; a gastronomia cedeu á sobriedade, e o espirito acompanhou todas as transições: o pensamento concentrou-se cheio de recolhimento,



e só medita na maguitude dos mysterios da Redempção, que vão seguir-se; eleva-se ao Todo Poderoso para contemplar com religiosidade essa sublime epopeia do christianismo!

Deixemos pois os tres dias da loucura já descritos no numero passado deste jornal; deixemos as folias, e as mascaradas; em que mais se admirou a elegancia, a riqueza e a excentricidade dos vestidos, do que o espirito dos mascarados; esses bailes nada tiveram por ora de original, mais do que o concurso e o brilhantismo; todavia preferíveis e muito mais preferíveis ao barbaro uso dos limões asalvados, aguadas e outros despropositos indignos de um povo civilisado: façamos votos para que acabe semelhante uso, e que em seu lugar vejamos pelas ruas carros triumphaes a dar assaltos ás janellas, não com limoadas arrojadas com força herculea, mas com amendoas e confeitos: corramos ás praças para ver representar actos e comedias apropriadas ao tempo e á festa, que sem gesticulações e palavras impuras provoquem riso, já pelas posições e movimentos grotescos, já por phrases chistosas e alusivas, não á vida privada de cada um, mas ao ridiculo exterior de cada mascarado: que o insulto não afugente da praça e do logar aquelle, que procura as distrações do Carnaval, sem que nellas queira ter parte.

Deixemos; e passemos ás FESTAS. No dia 9 a Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia fez sahir a sua costumada procissão; a riqueza dos andores contrastava severamente com a falta de irmãos que os acompanhassem: seria para desejar que houvesse maior concurrencia, para que o acto fosse mais solemne; parece que assim nos vamos esquecendo dos deveres de bons christãos. Estas solemnidades podem ser encaradas por dous lados: ou são pompas solemnes que mostram o esplendor e granjeza da Ordem, ou são actos edificantes que conduzem o povo ao amor de Deus e do proximo. No primeiro caso nada devem perder do seu brilhantismo, porque nada ha mais ridiculo do que uma procissão de andores sem irmãos; no segundo caso a falta de concurso dos irmãos: prova falta de religião, e em vez de edificarem, desmoralisam: quanto maior for o acompanhamento, quanto maior será o respeito, maior a devoção e fervor religioso, e semelhantes actos não attrahirão o escarne, e nem serão objecto de critica e de censura.

**THEATROS.** Saberão as leitoras que este artigo vai desaparecer da chronica, pela simples razão da vossa chronista vos dedicar todos os domingos um artigo especial sob o titulo — THEATROS —, entretanto que a chronica só vos dirá — representou-se durante a quinzena — no

*Provisorio*: Norma, D. Paschal e alguns dançados.

*S. Pedra*: nada. Acha-se em preparativos — a degolação dos innocentes.

*Bailes*: cousa nenhuma, além do baile que o Sr. J. F. M. deu no dia 6 na sua casa do Rio Compido aonde se reunirão cerca de noventa

convidados, entre os quaes figurarão mais de quarenta mascarados ataviados com trajés ricos e elegantes e devidamente caracterisados.

**CONSERVATORIO DRAMATICO.** Reuniu-se no dia 13 para escolha das peças que annunciamos na nossa ultima chronica, que foram « *Lindoya*, *Moema*, e *Moema e Paraguassu*. O Conservatorio julgou que todas tinham merito; mas que nenhuma reunia os requisitos necessarios para um bom libreto, e por isso resolveu que fossem devolvidas aos seus autores para as corrigirem no sentido dos pareceres.

Adeus amáveis leitoras, e preparai-vos para a Procissão dos Passos na sexta feira proxima.

Rio 16 de fevereiro.

Delia.



### MAXIMAS E PENSAMENTOS.

DE UMA ILLUSTRE CAPACIDADE BRASILEIRA.

Dizia o celebre Bacon que os homens sabios aprendem mais dos tolos, que estes dos sabios. No trato do mundo temos mais de uma vez verificado esta sentença.

O prazer que se sente por ver os outros rir é uma causa de riso de tal sorte efficaz, que muitas vezes não pôde evitar-se, ainda mesmo não se sabendo de que procede o riso.

Criminar e recriminar é fechar as portas á reconciliação.

A firmeza é quasi sempre o caracter da moderação; e raras vezes deixa a firmeza de ser bem succedida.

Pomponio Attico, o grande amigo e correspondente de Cicero, pronunciando á oração funebre pela morte de sua mãe, protestou que vivendo em sua companhia pelo espaço de 67 annos, nunca se reconciliara com ella (palavras formaes do texto); porque nunca entre a mãe e o filho acontecera a menor desayença, que fizesse necessaria uma reconciliação. *Exemplo singular de amor e dever filial.*

Acompanha a este n. 8 uma estampa com figurinos de passeio e de estar em casa.